

Morte entre os Caingangues



Ferido, o índio Caingangue está internado no hospital de Tenente Portela como outros 13

Hoje, pela manhã, os prefeitos Jorge Porolnick dos Santos, de Miraguai, Lúcio Motta, de Tenente Portela, e José Murilo Cessetin, de Redentora, se reúnem, em Porto Alegre, para elaborar um documento a ser encaminhado aos governos estadual e federal, exigindo a imediata intervenção na terra dos caingangues como única forma de conter os conflitos armados. Em Brasília, o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, receberá um dossiê do delegado regional, segundo o qual os próprios líderes indígenas apóiam a intervenção.

Enquanto isso, em Miraguai, 15 homens armados da Brigada Militar, instalados em cada uma das reservas, tentam assegurar a paz em Guarita e São João do Irapuá.

Nas comunidades marcadas pela batalha de quinta-feira, ou nos quartos de hospitais, chora-se os males da guerra. E os brancos acusados de fornecer armas e incentivar os índios à luta para continuar com os privilégios da exploração sobre suas terras negam que tenham participado do tiroteio de quinta-feira, que resultou em cinco mortos e 14 feridos.

Quem armou os índios?

Os brancos acusados, negam. E prefeitos da área estão hoje na Capital pedindo intervenção

De André Pereira (textos) e Marcos Fernandes (fotos), enviados especiais

Os portugueses, como dizem os índios quando se referem aos brancos, é que deram armas para a luta. Os portugueses arrendam as terras indígenas, praticando um ato ilegal que desrespeita o artigo 18 do Estatuto do Índio. Os portugueses oferecem dinheiro pela madeira, contrariando determinação legislativa do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). E dão armas para que as minorias econômicas que lideram os índios possam se manter no poder, corrompidas pelo ganho fácil do dinheiro, com a conivência dos chefes de postos da Funai.

Os caciques permitem que integrantes de seu estado-maior se beneficiem das regalias do poder, praticando seus próprios arrendamentos. E não é por outro motivo, senão a cobiça que os faz almejar maiores ganhos, que frequentemente os caciques sofrem tentativas de golpes por parte de seus coronéis, majores ou capitães. Há 15 dias, Ivo conviveu com a revolta do seu major Luiz Jacinto, que armou um pequeno grupo para derrubá-lo. Em janeiro, o capitão Domingos Ribeiro conseguiu mobilizar quase metade da tribo tentando derrubar Ivo. Como não conseguiu, mas tinha poderosa força ao seu lado, propôs a divisão da área que a Funai oficializou para não se desentender com nenhuma facção. Domingos virou cacique também, disputando o poder com Ivo, desde o traçado dos limites de cada uma das reservas. Quinta-feira, apenas estourou o caldeirão que vinha fervendo desde janeiro.

Os portugueses, porém, sempre negam que influenciam nas decisões dos índios.

Domingos Ribeiro acusa o bolcheiro Alceu Meira, de apoiar os índios de Ivo. Por sua vez os índios de Ivo culpam Armando Tilone, afirmando que ele armou a comunidade Domingos Ribeiro. Ouvido pela Polícia Federal, no sábado, o comerciante Alceu Meira só admitiu que alugou por Cr\$ 10 mil cruzelros um caminhão Ford Perkins que trafegou por 10 quilômetros levando os índios de São João até a Guarita.

FRETOU O CAMINHÃO

Nega que estava dirigindo o veículo ao lado dos índios de Ivo. Nega até que soubesse das intenções dos índios, mas faz uma revelação importante quando narra que, na manhã de quinta-feira, o próprio Ivo Sales falou com ele contratando seus serviços de transporte, desmentindo, portanto, a declaração do estado-maior de São João, que eximiu o cacique das responsabilidades do ataque. "Eu estava carneandouma rês, quinta pela manhã, quando os índios vieram aqui pegar o caminhão. Vinham armados com foices e cassetetes. Achel estranho, porque tinham me dito que fariam uma mudança, como vem acontecendo muitas desde a divisão de índios trocando de lado, de uma outra reserva. Mas aí chegou Ivo, dizendo que não era mudança que elesteriam uma reunião com os índios da Guarita. Então mandei o Nando Andara, meu empregado, levá-lo. Eu estava ganhando o meu. Não me importei que tipo de reunião eles fariam", disse Meira repetindo o depoimento que prestou à Polícia Federal.

Armando Tilone também nega que tenha fornecido armas aos índios. Ficou surpreso

"e envergonhado", como disse ao ser visitado por repórteres no distrito de São Pedro, no interior de Tenente Portela, no sábado pela manhã. Aos 57 anos, agricultor, Tilone disse que possui muitas ligações com a gente de Domingos Ribeiro, de quem arrenda, há cinco anos, cerca de 80 hectares para plantar soja, pagando Cr\$ 15 mil por hectare ocupado. "Eu tenho terras, não precisava arrendar", contou ele. "Mas, os índios insistem porque não trabalham, pedem pouco pelo arrendamento e eu acabo concordando, ainda dou 30% da produção a eles".

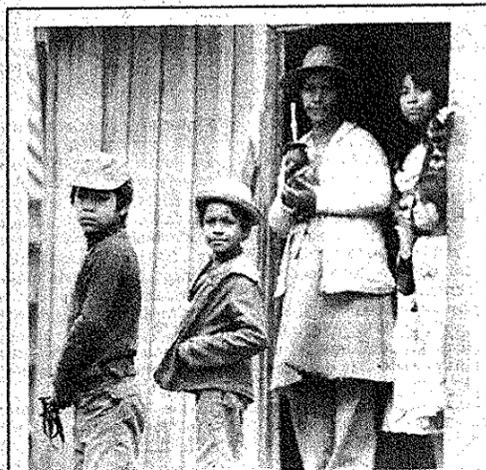
Tilone revela saber que o arrendamento é um ato ilegal, que segue o exemplo de "outros mil brancos aproximadamente" que celebram contratos com os índios. "O cacique Domingos e o chefe do posto, Rui Cotrim Guimarães, oficializaram os arrendamentos. Então, a legalidade é relativa", argumentava ele, preferindo lamentar a quebra na sua produção de soja, ao ter perdido 1.000 dos 1.700 sacos que esperava colher, graças às chuvas que caíram na região.

Allegando que, na quinta-feira, nem foi colher soja, Tilone acredita que seu nome foi citado como responsável pelo fornecimento de cinco Winchesters, 50 revólveres e 30 quilos de munição, simplesmente porque há algum tempo levou um grupo de índios de Domingos Ribeiro para marcar divisas nos limites de São João do Irapuá, praticando um gesto de camaragem conduzindo os amigos indígenas para arrancar as árvores que impediam a demarcação visual da reserva.



O cacique Ivo Ribeiro, da facção derrotada

No hospital, os feridos. Contando detalhes da batalha



Na reserva de Irapuá, a maior revolta pelas mortes

Um soldado da Brigada Militar que costumava rondar a Estação Rodoviária de Tenente Portela é que encontrou o índio Jorge Amaral, caído em um canto, com uma passagem entre os dedos. Com a cabeça aberta, de onde jorrava um fio de sangue acumulando-se no rosto inchado, Jorge não teve forças para fugir, mas relutou em ir para o hospital. "Você não é bicho para andar assim", disse o soldado. "Tem que ir para o hospital". Ao atingir a portaria do hospital de Tenente Portela, apenas na manhã de sábado, Jorge Amaral foi contabilizado com o 14º ferido da batalha dos caingangues.

Instalado no quarto número 19, revelou que pertence à tribo de Ivo Sales, em São João do Irapuá. Afirmou que foi desarmado para a luta porque lhe disseram que iam apenas conversar com a gente de Domingos para acertar os limites das terras divididas em janeiro. Quando ouviu tiros, tentou correr mas foi alcançado por vários índios inimigos que lhe desferiram violentas pauladas. Jorge, de 17 anos, não se anima a identificar seus agressores. "Foram muitos e havia muita confusão", desconfessa ele. Conta, porém, que depois que o derrubaram, partiram em direção a outros índios, permitindo que fugisse para o mato, onde ficou escondido até a noite de sexta-feira, quando pegou um ônibus para Portela.

No quarto número 20 do mesmo hospital, está Dorvalino Carvalho, índio de Domingos Ribeiro, inimigo de Jorge. A diretora do hospital, uma freira, conta divertida

que quando começaram a chegar, os feridos da reserva foram sendo colocados em um mesmo quarto. "Depois, a gente viu que tinha gente dos dois lados e tratou de separar para a guerra não continuar no hospital", relata ela.

Dorvalino foi ferido com dois tiros nos pés por Ernesto Forgue. Está deitado, vestindo um terno e com os pés enfaixados. Quer sair do hospital, mas o médico argumenta que podem infeccionar os ferimentos. Dorvalino é capitão de Domingos. Conta que os inimigos reuniram-se desde as 8 horas da manhã, em Tronqueiras, em atitude provocativa. "Nós ficamos observando de binóculo, lá de cima, na Guarita", diz ele. "E tratamos de nos organizar para a defesa. Quando invadiram a reserva, foi fácil: eles vieram amontoadinhos e nós estávamos espalhados. Só uns 15 dos nosso lado brigaram, mas deu para vencer". Dorvalino já falou com agentes da Polícia Federal que foram visitá-lo no hospital. Mas o que mais quer é sair da cama e voltar para a Guarita, rever os familiares que, imagina, estão muito abalados com tudo que aconteceu. Dorvalino é filho de Sebastião Carvalho, que lutou ao lado dos inimigos, de Ivo Sales. "Ele acreditou nas mentiras do Ivo", diz Dorvalino. Seu pai morreu na luta. E a irmã Maria de Fátima que perambula pela aldeia carregando uma lamúria constante, vergada pela dor, clama por vingança contra a tribo do irmão.